

A BELEZA QUE SALVA O MUNDO

A experiência religiosa do Belo

A reflexão teológica no Ocidente está marcada por uma racionalidade preocupada em expressar da forma mais objetiva possível os enunciados da fé cristã. Essa característica permite conjugar os verbos crer e pensar de forma inseparável. A dimensão mais sensível da fé, entretanto, historicamente foi mais trabalhada pela tradição oriental. Foi em meio às liturgias bizantinas, os ícones russos e o incenso oriental, que nasceu e cresceu uma reflexão atenta aos sentidos humanos, absorpta na contemplação do mistério inefável e ligada à experiência mística.

Hoje, quando se pensa em termos globais e num contexto de intensa integração, Oriente e Ocidente podem unir suas perspectivas para iluminarem-se mutuamente sem, contudo, perder o específico de cada tradição. É por isso que se desenvolve, aqui uma reflexão na linha da Teologia da Beleza, buscando conjugar a experiência estética, tão própria do ser humano, à abordagem teológica, não menos inerente à humanidade. Toda pessoa sente o fascínio pelo belo, onde encontra-se o sentido da vida, a razão da alegria e a conquista da verdade. O título “A Beleza salvará o mundo” é uma afirmação provocante, que estimula a dizer mais uma palavra sobre “Qual beleza salvará o mundo?”¹

Vivemos num tempo fascinante. Há um excessivo apelo ao belo. A publicidade, a juventude, os modelos e atores, os artistas e até o mercado deixam-se pautar pelo ideal estereotipado do que se convencionou como belo. Estamos na cultura da imagem. O virtual e o real se confundem, revolucionando os conceitos e mudando comportamentos. Entre as muitas imagens que desfilam diante do homem moderno, há muitas banais e deformadas, há outras interessantes e atraentes e, ainda, há as instrumentalizadas pelo mercado. O visual tornou-se determinante na vida das pessoas, das instituições e das empresas. Trata-se não só de ser, mas de “parecer” ser. A publicidade veicula idéias de progresso, evolução e desenvolvimento. O campo profissional procura pessoas “alinhadas”, bem apresentáveis e esteticamente interessantes. O mundo dos cosméticos pretende colocar harmonia e ordem no que pode parecer um caos no corpo humano. Academias moldam, esculturalmente, pernas, braços e abdômem. “Malhar” é a palavra de ordem. Chega-se a uma idolatria do físico.

Vale, no entanto, lembrar: “nem tudo que reluz é ouro”. Há beleza que não é boa e nem verdadeira. É a beleza que compra o corpo da mulher e a explora. É o sentido do belo para cantores e artistas que usam o corpo

¹ A interrogação remonta ao romance *O Idiota* de DOSTOIEVSKI – Rio de Janeiro, 1976.

seduzindo suas platéias para um erotismo sem limites. É o belo apresentado em anúncios de carros importados num país que passa fome. É o luxo das festas sociais que exageram nas despesas e ignoram o menino de rua. É o “bonito” das colunas sociais dos jornais e das revistas especializadas em “ostentar” o poder das pessoas e seu dinheiro ignorando e desprezando as sérias dificuldades por que passam os pobres nas periferias das grandes cidades. Nem sempre a beleza veiculada pelo meios de comunicação social revela a vocação do ser humano. Não se refere ao belo de Deus que o homem tanto procura, muitas vezes, sem nem mesmo saber.

Será preciso recuperar o sentido da beleza e da contemplação. Encontrar as raízes que permitam viver nos tempos do mundo virtual sem, contudo, perder o fio condutor da vida que tende ao Belo. Não basta, porém, denunciar a brutalidade do mundo. Em nossa época desencantada e carente de sentido, o discurso sobre justiça, deveres e bem comum soa pouco atraente. Num mundo sem beleza, ou mais precisamente equivocado do sentido do belo, até o bom e o bem perderam sua força. O ser humano permanece perplexo diante das múltiplas opções e se questiona por que não escolher o mal, o prazer sem limites, a vida sem compromisso e os sentimentos sem responsabilidades. “Num mundo que não acredita ser mais capaz de afirmar o belo, os argumentos em favor da verdade esgotaram sua força de conclusão”².

O terceiro milênio desponta com suas sombras e trevas, brutalidades e horrores que clamam por um significado, por uma leitura e interpretação desses sinais que se revelam como um enigma conturbado e doloroso. É bom e belo encontrar uma luz para a situação.

O que é o belo? Bela é somente uma top model que fatura altíssimos salários porque tornara-se a número um do mundo? Ou bela não será também a Madre Teresa de Calcutá em cujo olhar é possível contemplar o rosto de Cristo que socorre o irmão sofredor? Mais, será que os dois tipos de beleza se comparam? Uma passa com o tempo, a velhice, as oportunidades e a moda. A glória do mundo é passageira (*sic transit gloria mundi*). A outra, atravessa a história e o espaço, supera as barreiras da cultura e da religião, eterniza-se porque atrai pela beleza que não passa: o amor.

Por maior que seja a sua identificação da beleza como algo perene, supérfluo e discriminatório, a justa valorização da beleza permitirá resgatar o encantamento por este mundo, pelo universo e pela própria humanidade. Apesar de todas as frustrações dos sonhos de um mundo melhor, de uma civilização mais justa e fraterna, de uma planeta harmonizado, permanece o desafio de salvar a vida e o globo através da Beleza, pois só ela é necessária,

² H. URS VON BALTHASAR, *La percezione della forma*, vol.1 di *Gloria*, Milão, 1985,11.

como bem alerta Dostoievski: “Sabeis que a humanidade pode fazer pouco dos ingleses, poderá fazer pouco da Alemanha, que nada é mais fácil para ela do que fazer pouco dos russos, que para viver não precisa nem de ciência e nem de pão, mas que apenas a beleza é indispensável porque sem beleza não existirá nada mais a fazer neste mundo”³.

1. O bom, o belo e o verdadeiro

A palavra beleza remonta sua gênese ao sânscrito: *BET EL ZA* (o lugar em que Deus brilha). Trata-se de um conceito religioso. Na cultura hebraica, o seu correspondente é a *Shekiná*, a Glória de Deus manifestada em todo seu esplendor na feliz convivência com as criaturas. É o ideal do paraíso primitivo quando Deus viu que tudo era bom (Gn). Bom e belo. A tradução grega dos Setenta expressa bem este vínculo entre beleza e bondade. Há uma semelhança estreita entre *tob* (bom, do texto hebraico) com o termo *kalón* (belo, do grego). A beleza é a expressão visível do bem, como o bem é a condição metafísica do belo. É por isso que os gregos cunharam uma locução que abraça os dois conceitos: *kalokagathía* (beleza-bondade)⁴.

No grego, o belo é traduzido por *Kalos*, expressão usada por Platão e depois, período patrístico para afirmar que a beleza é o esplendor da verdade. Consequentemente, a mentira é feia. O conceito de *Kalos* reúne os significados de Bom, Belo e Verdade. Platão afirma que “a potência do Bem refugia-se na natureza do Belo⁵”. A beleza, portanto, tem uma dimensão objetiva que se confronta com o sujeito e se impõe independente do subjetivismo. A beleza tem uma essência. Verdade, Belo e Bom são sinônimos com dependência mútua. No mundo antigo, por exemplo, um objeto só passava a ser feito em ouro depois de constatada sua utilidade e função. A beleza constitui, portanto, uma das faces da trindade ideal do verdadeiro, do bom e do belo.

Se recorrermos a Aristóteles e a São Tomás de Aquino, chegamos ao conceito de beleza como satisfação dos sentidos. Trata-se de uma definição racional que afirma o belo pelo belo. Reduz-se à sentença: o que me dá prazer é belo. Os escolásticos diziam que o belo é “*id quod visum placet*”; aquilo que agrada quando se vê.

Kant, alarga o conceito, referindo-se à beleza divina como o “uma nobre elevação além da simples predisposição ao prazer sensível”⁶. Isto nos leva a concluir que a beleza não é apenas uma propriedade formal externa, mas uma

³.DOSTOIEVSKI F.N, *I Demoni*, Milão, 1963, c.3.

⁴ Cf. JOÃO PAULO II, *Lettera agli artisti*, Turim, 1999, 7.

⁵ *Filebo*, 65A.

⁶ KANT, I. *Crítica del Giudizio*, Bari, 1971, 59.

dimensão que eleva o ser humano ao seu ideal mais profundo. É a glória (palavra bíblica que melhor expressa a beleza de Deus que se manifesta a nós), esplendor e fascínio. É atração alegre, grata surpresa, enamoramento e entusiasmo. É aquele amor que se descobre na pessoa amada e permitindo que se cometam loucuras para conquistá-lo.

O belo é o que agrada universalmente, é idéia desprovida de qualquer conceito, é o que suscita um prazer desinteressado, porque o belo é uma finalidade sem fim, seja de tipo utilitarista ou moral⁷. A filosofia kantiana afirma a noção de belo convertida em noção do ser, o que significa que a beleza está na plenitude e identifica-se com a integralidade ideal do ser. A feiura, entretanto, é uma deficiência do ser, a sua perversão pela indigência. A beleza está presente na harmonia de todos os elementos e nos coloca diante de uma evidência indemonstrável, que não pode ser justificada, apenas, contemplada. O belo vem ao nosso encontro, torna-se íntimo, próximo e familiar à própria substância do nosso ser. Não se trata de uma ilusão ou de uma projeção das nossas emoções subjetivas. Nós não agregamos nada à realidade objetiva de uma revelação, simplesmente somos tomados sem nem sempre poder encontrar as palavras poéticas adequadas à nossa experiência. Os grandes pintores afirmam de não terem visto nada de feio na natureza. Um artista, através de seus olhos, nos faz ver um fragmento onde o “Todo belo” está presente.

Como um ser vivente, o mundo se volta sobre nós, nos fala e nos confia seus cantos e segredos. Comunicamo-nos com a beleza de uma paisagem, de um rosto ou de uma poesia como nos comunicamos com um amigo, e experimentamos uma estranha consonância com uma realidade que parece ser a pátria de nossa alma, perdida e reencontrada. É a arte que desfenomeniza a realidade concreta; e o mundo inteiro se abre ao seu mistério. Ali se encontra a experiência estética. “O belo não é só o que agrada. Além de ser uma festa para os olhos, o belo nutre o espírito e o ilumina”⁸.

O homem quando pensa e contempla, imagina e cria beleza. Seus símbolos e ícones integram sua natureza à experiência com as coisas do alto. “Por natureza, os homens desejam o belo”⁹.

2. A ambigüidade da beleza

Por causa de sua aparência sensível, a beleza também é ambígua. O ser humano tem sede de plenitude, por isso a beleza pode tornar-se uma

⁷ Cf. *Ibidem*, 17.

⁸ JACQUES ROUSSE, in P.N. EVDOKÍMOV, *Teologia Della Bellezza, L'Arte dell'icona*, Milão, 1990, 21.

⁹ S.BASÍLIO, *Regulae Fusuis Tractae*, P.G. 31.

armadilha. Na sua essência, ela é simbólica (*sim-bolós*), que une e integra, dando sentido à existência do ser. Pervertida, ela se torna diabólica (*diabolós*), que divide, separa e rompe. Ora, a beleza não é apenas uma realidade estética, mas também metafísica. O esteticismo puro, que reconhece apenas os valores estéticos, representa o momento mais distante da beleza. Em sua autonomia, o belo é indefeso e facilmente exposto aos desvios diabólicos. A beleza pode ser freqüentemente enganosa e o seu fascínio pode esconder a falta de moral e uma indiferença para com a verdade: “o mal se prende nos laços da beleza, como um escravo coberto de correntes de ouro; estes laços o escondem até que sua realidade seja invisível aos deuses, até que não seja mais percebido pelo olhar humano”¹⁰.

O mal também se reveste de beleza para seduzir. O paradigma mais antigo dessa realidade é o relato bíblico do fruto proibido: “a mulher viu que o fruto da árvore era bom de comer, de agradável aspecto e desejável”. (Gn 3,6). Trata-se da sedução do prazer que brilhou mais do que a distinção entre o bem e o mal. A beleza fascinou o ser humano, usurpou o lugar do Divino, tornou indiferente o bem e a verdade. O que é agradável aos sentidos e estético no mais alto grau, nem sempre é verdadeiro. A falta de senso moral e o caos interior do homem se formam num modo natural, através de forças irresistíveis que abalam a alma. Não é somente Deus quem se reveste de Beleza, o mal lhe imita e torna a beleza profundamente ambígua.

O capítulo 28 de Ezequiel apresenta o julgamento contra o rei de Tiro que seguiu o caminho da perversão humana, prejudicando a pessoa e a sociedade. Condena a atitude do rei que tudo constrói com a mentira e perde seus bens mais preciosos: “Criatura humana, entoe uma lamentação contra o rei de Tiro, e diga: Assim diz o Senhor Javé: Você era um modelo de perfeição, cheio de sabedoria e beleza perfeita. (...) Seu coração se exaltou com sua beleza, e sua sabedoria se corrompeu por causa do seu esplendor. Por isso eu o atirei no chão, fazendo de você um espetáculo para os reis” (vv. 12 e 17). O rei que tem o esplendor e a beleza pretende ser mais do que Deus, sua falsidade e corrupção tomam conta de sua pessoa e por isso torna-se um opróbrio. A tradição cristã muitas vezes interpretou essa passagem à queda de Lúcifer (Cf. Is 14,13). No mito que origina o demônio, valendo-se do modelo fenício, explica-se que Lúcifer era um anjo da primeira grandeza, muito belo, que perverteu-se, quis ocupar o lugar de Deus e por isso foi derrotado junto com o seu séquito. Há, portanto, um acento sobre a perversão da beleza para explicar a origem do mal no mundo.

A desconsideração pelo belo se dá em situações de caos e fraqueza. A guerra, a fome e a injustiça mascaram e destroem a beleza circundante. Se o

¹⁰ Cf. PLOTINO, *Enneadi*, Bari, 1947-1949. VIII. *Trattado della Eneade*.

conceito de belo for separado do sentido da bondade e da verdade, tornar-se-á uma ilusão, uma mágica, uma pseudo-beleza. É a manipulação da estética em favor de interesses maquiavélicos que distorcem o próprio sentido da vida. É uma beleza que leva à morte do bom e do verdadeiro. É a transformação da beleza em sedução e paixão. “Se a beleza é sempre bela, a beleza nem sempre é verdadeira”¹¹. É a beleza sedutora que distancia o ser humano de sua verdadeira meta.

A negação da beleza favorece o avanço da mediocridade. Ela ocorre quando o cálculo egoísta ocupa o lugar da generosidade, quando a rotina substitui a criatividade, quando caducam os costumes para cumprir normas que matam. Quando princípios, a memória e o respeito à dignidade humana são esquecidos, extinguem-se o brilho e o esplendor da beleza. Quando se tolhe o direito à liberdade, exila-se o sentido do belo na vida humana.

O dinamismo desencadeado pelas paixões arrasta tudo em função de uma libertação total de todo princípio normativo, e é justamente a esfera estética quem oferece a maior liberdade. A sua potência animalesca liberta de todo constrangimento. Ao eros da criação se opõe o eros da destruição.

3. A experiência religiosa e a experiência estética

Com o esplendor do ser, o belo coloca o homem todo em uma espécie de convivência com o transcendente. Enquanto realidade metafísica o belo é também realidade religiosa, na medida em que se torna lugar cósmico de irradiação do divino. O valor metafísico da beleza, como também sua importância religiosa, está no fato dela ser mais do que um sinal ou uma alegoria. Ela “contém” a presença daquilo que simboliza. É o exemplo dos ícones e da cruz que revelam o mistério e a presença de Deus para além da madeira que lhes dá subsistência.

A experiência de fé se configura como uma relação com o inefável. Deus, que está além do mundo palpável, da realidade natural e sensível, não pode ser jamais capturado pelo nosso conhecimento. Essa inefabilidade, entretanto, não se traduz num silêncio absoluto. Na relação com Deus, o ser humano expressa na arte e na beleza a “presença” de Deus e sua glória. O ser humano é, ao mesmo tempo, uma totalidade espiritual e sensível em função da encarnação; os sentidos afinados percebem sensivelmente o invisível, ou melhor: o transsensível.

Os ritos religiosos expressam a beleza de seu significado. Sons, gestos e símbolos entrelaçam-se para constituir uma realidade maior, mais próxima do transcendente. A música quer o enlevo e procura agradar os ouvidos, as cores

¹¹ PASTRO, C. *Arte Sacra, o espaço sagrado hoje*, São Paulo, 1993, 102.

tendem ao descanso da mente, o incenso inebria o olfato, os símbolos enchem os olhos, o comer e o beber saciam a fome e a sede do bom paladar; o toque e o ósculo revelam ao tato uma sensação mística. Tudo concorre para apresentar, liturgicamente, o bom e o belo, expressões veladas do único e verdadeiro Belo e Bom. Para o teólogo oriental, tudo é virtualmente sagrado, pois tudo pode tornar-se sacro mediante a experiência do divino. Por outro lado, nada é profano e nem neutro, porque tudo se refere a Deus.

Deus e o homem assemelham-se, resta saber e discernir reconhecendo o lugar do criador e da criatura. “Deus vem ao nosso encontro: da ética ele faz a ascese da criação; da estética, a manifestação de sua beleza”¹². A contemplação, portanto, não estética, mas religiosa, revela-se como enamoramento de cada criatura. É evidente que não é na natureza que se situa a verdadeira Beleza, mas na epifania do transcendente que faz da natureza a irradiação do seu fogo divino inextinguível.

A experiência da contemplação da beleza divina, não é um êxtase que remete para fora do mundo, mas é a antecipação da transfiguração de todo o ser humano. A participação dos sentidos é um dos elementos mais surpreendentes. É nessa direção que a afirmação de Rubem Alves se sustenta: “Experiência mística não é ver seres de um outro mundo. É ver esse mundo iluminado pela beleza”¹³.

4. Por uma teologia da Beleza

“Durante séculos, os teólogos, seres cerebrais, haviam se dedicado a transformar a beleza em discurso racional. A beleza não lhes bastava. Queriam certezas, queriam a verdade. Mas os artistas, seres de coração, sabem que a mais alta forma de verdade é a beleza”¹⁴. Rubem Alves pode, até, estimular uma reflexão menos racional e mais sensível onde a beleza torna-se um tema nucleador da Teologia. Essa proposta, no entanto, em diferentes momentos históricos fez parte da ocupação de pensadores cristãos. Não dá para esquecer as iniciativas que já deram significativos passos nessa direção.

Ao longo dos tempos, o ser humano expressou a sua experiência com a divindade, exclamando sua beleza. Maomé dizia: “Deus é belo e ama a beleza”. São Francisco, após receber os estigmas no Monte Alverne exclama: “Tu és beleza... Tu és beleza!”¹⁵. Ainda sobre Francisco de Assis, comenta São Boaventura: “Contemplava nas coisas belas o Belíssimo e, segundo os

¹² EVDOKIMOV, P.N., *Op. cit.*, 47.

¹³ ALVES, R. *Fora da Beleza não há salvação*. Revista *Isto é*, dezembro, 2000.

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ *Lodi di Dio altissimo*, vv.7 e 10: *Fonti Francescane*, n.261, Pádua, 1982, 177.

traços impressos nas criaturas, perseguia por todo lado o Dileto”¹⁶. A beleza é uma cifra do mistério e um apelo ao transcendente. É um convite a saborear a vida e sonhar o futuro. É por isso que a beleza das coisas criadas não pode apagar a saudade do Belo da qual fala Santo Agostinho: “ Tarde te amei, beleza tão antiga e sempre nova, tarde te amei”¹⁷. Agostinho confessa a beleza como objeto do seu amor purificado pela conversão: a beleza de Deus. Dante Alighieri, na sua Divina Comédia, contempla Maria no Paraíso e menciona a beleza da mãe de Jesus¹⁸. O prefácio da missa da Imaculada louva o Pai bendizendo-O por Maria: “ Nela, nos destes as primícias da Igreja, esposa de cristo, sem ruga e sem mancha, resplandecente de beleza”. Sobre Maria, escreve São Gregório de Palamas: “Era preciso que aquela que pariu o mais belo entre os filhos de homem, tivesse ela mesma uma maravilhosa beleza”¹⁹.

Para os Pais da Igreja, a Beleza divina é uma categoria fundamental, bíblica e teológica. Partindo dela, a beleza no mundo é tida como uma realidade teologal, uma qualidade transcendental do ser, análoga ao bom e verdadeiro. A harmonia da verdade divina personalizou-se em Cristo, crido, mas também visto e contemplado, porque a humanidade deificada pelo Verbo é a chama que irradia a luz trinitária. A epifania, o Tabor, a Cruz, a Ressurreição e o Pentecostes são irrupções fulgurantes que se deixaram ver. Nestas revelações é o objeto que determina inteiramente o sujeito. O belo aparece como um clarão da profundidade misteriosa do ser, daquela interioridade que testemunha a relação íntima entre corpo e espírito. A natureza ordenada e divinizada, faz ver a beleza de Deus através do rosto humano de Cristo.

Santo Atanásio, Macário do Egito, João Climaco, Máximo o confessor, Simão o novo teólogo, Gregório de Palamas e Serafim de Sarov, desenvolveram uma teologia da beleza que acentua a graça na vida e é sentida como doçura, paz, alegria e luz. Integram o espiritual e o corpóreo. Quem participa da luz torna-se ele próprio luz. A tradição de Alexandria insiste sobre a beleza do divino. São Cirilo afirma que a característica do Espírito Santo é de ser o Espírito da Beleza, a forma das formas; é no Espírito, escreve, que participamos da beleza da natureza divina²⁰. A tradição patrística acentua o aspecto real, pode-se dizer materializado do Reino de Deus. É uma espécie de deomaterialismo cuja beleza se manifesta já através das formas deste mundo e prepara para o novo céu.

¹⁶ *Legenda maior*, IX, 1: *Fonti Francescane*, n.1162, 911.

¹⁷ “*Sero te amavi, pulchitudo tam antiqua et tam nova, sero te amavi!*” *Confissões* 10, 27.

¹⁸ Cf. *Paraíso* XXXI, 134-135.

¹⁹ *Homilia* 53 in *S. Oiknomos*, Atenas, 1861, 131-180.

²⁰ In *Johannis Evangelium*, 16, 25, PG 73.

A beleza de Deus, bem como a sua luz não é nem material, nem sensível e nem intelectual, mas se doa em si mesma ou através de formas deste mundo e se deixa contemplar pelos olhos abertos do corpo transfigurado. Esta não é nem a mística sensível, nem a redução ao somente inteligível, nem uma materialização espiritual, mas a comunhão mais concreta da natureza criada pelo homem inteiro, com as energias divinas incriadas. É o mistério do oitavo dia, do dia pascal. Sua realidade já é experimentada nos sacramentos e iniciada na experiência dos santos.

Entre os teólogos católicos destaca-se Hans Urs von Balthasar como um arauto do pensamento estético-teológico. Através de duas categorias fundamentais, glória e amor, o teólogo suíço deixa uma herança preciosa para quem pretende refletir a teologia na perspectiva da Beleza. Sua abordagem trata principalmente da glória de Deus vinculada ao seu amor. Deus se glorifica humilhando-se, esvaziando-se, despojando-se de sua efetiva glória. Esta se manifesta na Cruz e não no triunfo e na potência. Somente é possível compreender a glória de Deus, contemplando a beleza da “Cruz”. Na Cruz revela-se o amor infinito e absoluto de Deus para com a humanidade: à luz da Cruz o mundo se explica. Sua essência, suas formas incoativas e as estradas do amor que correm o risco de perderem-se, encontram o fundamento na verdadeira causa transcendente²¹. Balthasar une os conceitos de glória, amor e cruz e estabelece a base para uma teologia da beleza que vê no Crucificado a manifestação mais perfeita da Beleza.

5. O mais Belo dos homens

São Tomás de Aquino ensina que Jesus é o horizonte onde repousa o Belo: “A beleza assemelha-se com aquilo que é próprio do Filho”²². E acrescenta a explicação desta tese que – para que exista beleza – é preciso três coisas: a totalidade (*integritas*), a proporção ou harmonia das partes (*proportio*) e o esplendor (*claritas*). Tomás reconhece a presença destes três elementos no Filho, especialmente o “todo” da divindade se faz presente e resplende no fragmento que é a humanidade do Salvador. Em Jesus a beleza se faz carne, porque ele é o ícone perfeito do Pai, - é a revelação do mistério divino que se faz conhecer e amar por nós e, ao mesmo tempo, é a porta que nos introduz no seio do amor trinitário e nos comunica esse amor.

A encarnação do Verbo permite contemplar a beleza de Deus que se revela sobre a terra. E, aqui, no entanto, que a figura do Bom Pastor atrai especial atenção. Sempre vemos a tradução do Pastor com o adjetivo “bom”, mas vimos que em grego também o “belo” equivale ao bom. Portanto, não há nada

²¹ Cf. BALTHASAR, H.U. *Solo l'amore é credibile*, Turim, 1965, 140.

²² “*Pulchritudo habet similitudinem cum propriis Filiis*” : *Summa Theologica* I, q. 39 a, 8c.

que impeça os cristãos de invocarem o Belo Pastor. A beleza do Pastor está no amor pelo o qual entrega a si mesmo à morte pelas suas ovelhas e estabelece, com todo seu rebanho, uma relação pessoal estreitíssima de amor. Isto significa que a experiência da sua beleza é feita, deixando-se amar por Ele, entregando-lhe o próprio coração para que o inunde com sua presença, e correspondendo ao amor assim recebido, com o mesmo amor que o próprio Jesus nos torna capazes de ter. Através do povo do Belo Pastor, a luz da salvação poderá atingir a muitos, atraindo-os a Ele e a sua beleza salvará o mundo. Os santos não só creram no Bom Pastor e o amaram, mas sobretudo se deixaram amar e plasmar por ele. A sua caridade tornou-se a deles, a sua beleza se efundiou neles, nos seus corações e se irradiou nos seus gestos.

É no mistério da Cruz e Ressurreição de Cristo, contudo, que a beleza se manifesta como salvação. É na cruz, que o mais belo dos filhos do homem se oferece – no sinal paradoxal do contrário – “como o homem das dores”, diante do qual se cobre a face (Is 53,3). Um espírito potente pode assumir um corpo enfermo, pela imperfeição do nosso mundo, como aconteceu na Kênosis do servo de Javé, do qual fala o profeta Isaías. (53,2). “Não há aparência nem beleza para atrair os nossos olhos”: é o véu quenótico jogado sobre o esplendor indicado pelo salmo: “tu és o mais belo entre os homens” (44,3). Nesse caso, a própria enfermidade torna-se inefavelmente bela, porque, na superação, que é verdadeira transfiguração, o obstáculo é colocado a serviço do espírito com uma misteriosa conformidade ao destino secreto do ser. “No limite, os “loucos por Cristo” embrutecem-se por vocação e descem à raiz do opróbrio para nela encontrar luz”²³.

A Beleza é o Amor Crucificado, revelação do coração divino que ama: do Pai fonte de todo Dom, do Filho entregue à morte por amor a nós, do Espírito que une o Pai e o Filho e é efundido sobre a humanidade para conduzir os distantes de Deus para o Reino do Pai. A divina beleza se apresenta na cruz e na ressurreição do Filho do Homem, quando a Beleza é crucificada. Sobre a cruz, a dor e a morte entram em Deus por amor aos sem Deus: o sofrimento divino, a morte em Deus, a fraqueza do Onipotente são algumas das muitas revelações do seu amor pelos homens. É este amor incrível, manso e atraente que nos envolve e nos fascina, que exprime a verdadeira beleza que salva. Este amor é fogo devorador. A ele não se resiste senão com uma obstinada incredulidade ou com uma persistente rejeição, no silêncio, diante do seu mistério, isto é, a rejeição da dimensão contemplativa da vida. O Deus cristão não dá, na cruz, uma resposta teórica à pergunta sobre o porquê da dor do mundo. Ele simplesmente nos oferece solidariedade, acolhida e comunhão

²³ EVDOKIMOV, P.N *Op. cit.*, 39.

nesta dor. É o Deus que não deixa que se perca nenhuma lágrima de seus filhos, porque a faz sua.

Na Cruz encontra-se o fundamento do amor pelo belo, que embeleza os sofredores e revoluciona o conceito de beleza. Pela fé, experimenta-se na dor e paixão de Cristo um amor de Deus totalmente diferente: o amor totalmente altruísta. “Não há maior amor do que dar a vida pelos amigos”(Jo 15,13). É o amor que torna tudo o que é pecaminoso, malvado e débil, em beleza, sabedoria e justiça. Os pecadores tornam-se belos porque são amados e não são amados porque são belos. É a beleza da Cruz que introduz no mundo da metafísica um elemento novo. A divindade não é mais vista a partir de conceitos estáticos de onisciência, onipotência e onipresença, pois a paixão de Jesus revela a potência de Deus e a morte de Cristo expressa o infinito amor do qual Deus é capaz. A dor e a morte, realidades totalmente humanas, são santificadas em Cristo e elevadas à dignidade divina. Aqui, a teologia cristã não se empenhará em explicar a morte de Cristo a partir de conceitos metafísicos ou morais, mas procurará compreender o ser divino a partir do evento amoroso da paixão. A beleza da cruz revela-se no amor da Trindade para com as criaturas humanas. Pela fé é possível ver o Nazareno pregado no madeiro da vergonha como o mais belo dos seres humanos. O seu amor transfigura toda realidade, supera as expectativas e revoluciona os conceitos do belo.

O amor revelado sobre a cruz indica para todos – crentes e não crentes que estão em busca da verdade – a beleza que salva e se oferece como luz e força também para superar os tormentos e dores do presente. O que nos leva a procurar intensamente a beleza de Deus revelada na Páscoa é também o seu contrário, isto é a negação da beleza. A verdadeira beleza é negada onde o mal parece triunfar, onde a violência e o ódio tomam o lugar do amor e a prepotência da justiça. Mas a verdadeira beleza é negada, também, onde não existe mais alegria, especialmente lá onde o coração do crente parece ser preso à evidência do mal, onde falta o entusiasmo da vida de fé e não se irradia mais o fervor de quem crê e segue o Senhor da história. Apropriadamente, nesse contexto, cantam as comunidades brasileiras por ocasião da Quaresma: “*Brilhando sobre o mundo, que vive sem tua luz, tu és um sol fecundo de amor e de paz, ó Cruz! Vitória tu reinarás, ó Cruz, tu nos salvarás!*”

Pode-se pensar no Crucifixo como a negação da Beleza. Porém, nenhuma beleza é mais intensa do que aquela que provém de quem, com a sua vida inteira, foi chamado a ser testemunha do amor crucifixo, e portanto, tornar-se um apóstolo da beleza que salva. Viver a dor transformado em amor e sentir a ambigüidade da beleza que salva é admitir com Teresa de Lisieux: “Nosso

Senhor, no Horto das Oliveiras. Gozava de todas as alegrias da Trindade, e todavia a sua agonia não era menos atroz. É um mistério; mas posso assegurar-lhe que compreendo alguma coisa desse mistério a partir do que sinto em mim mesma”²⁴. Nesse escrito, dirigido à sua Superiora, Santa Terezinha revela a experiência de quem saboreia “já” as premissas da Beleza que salva.

A beleza do Ressuscitado liberta e transfigura toda pessoa, ilumina-a com uma beleza indizível e a torna-a repleta do Espírito Santo, transformando-a totalmente²⁵. A Páscoa faz resplandecer a beleza que salva, a caridade que se difunde no mundo. A beleza da Páscoa é ao mesmo tempo totalidade, harmonia e esplendor: nela se encontram os três aspectos da beleza que a tradição clássica sempre acentuou. “Como em Sexta-feira e Sábado Santo, a Igreja não cessa de contemplar este rosto ensangüentado, no qual se esconde a vida de Deus e se oferece a salvação do mundo. Mas a sua contemplação do rosto de Cristo não pode deter-se na imagem do Crucificado. *Ele é o Ressuscitado!* Se assim não fosse, seria vã a nossa pregação e a nossa fé (cf. *1 Cor 15,14*). A ressurreição foi a resposta do Pai à sua obediência, como recorda a Carta aos Hebreus: « Quando vivia na carne, [Cristo] ofereceu, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas Àquele que O podia salvar da morte, e foi atendido pela sua piedade. Apesar de Filho de Deus, aprendeu a obedecer, sofrendo, e, uma vez atingida a perfeição, tornou-Se para todos os que Lhe obedecem fonte de salvação eterna » (5,7-9)”²⁶.

O rosto que diante do qual se cobre a face para não ver, na ressurreição, aparece como o rosto belo, aquele mesmo rosto que Madre Teresa de Calcutá contemplava, com ternura, nos seus pobres e moribundos. É na luz pascal que Oscar Romero opta pelos escolhidos de Jesus e posiciona-se ao lado dos mais fracos. Enfrentando as contradições e misérias da realidade brasileira, Helder Câmara tornou-se profeta da esperança, arauto da beleza que floresce no meio do sertão nordestino. Foi por causa do Ressuscitado que Irmã Dulce brilhou no meio dos excluídos e revelou à Bahia e ao Brasil, quem é o Salvador. São rostos marcados pela dor transformada em amor. Do alto da Cruz eles contemplaram a luz e atraíram todos à causa de Cristo.

A beleza de Cristo está na coexistência da transcendência e a imanência divina. A figura de Cristo é o rosto humano de Deus; o Espírito repousa sobre ele e nos revela a beleza absoluta: divino-humana. É a beleza de luz tabórica

²⁴ *Últimos colóquios*. Caderno amarelo (6 de Julho de 1897): *Opere complete*, Vaticano, 1997, 1003.

²⁵ Cf. MACÁRIO o GRANDE, *Homilia I,2: Patrologia Greca* 34, 451.

²⁶ JOÃO PAULO II, *Tertio Millenio Ineunte*, n.28.

que brilhou na transfiguração. O seu esplendor é inerente à sua verdade: “A luz da face de Deus resplandece em toda a sua beleza no rosto de Jesus Cristo, «imagem do Deus invisível» (Col 1, 15), «resplendor da sua glória» (Heb 1, 3), «cheio de graça e de verdade» (Jo 1, 14): Ele é «o caminho, a verdade e a vida» (Jo 14, 6). Por isso, a resposta decisiva a cada interrogação do homem, e particularmente às suas questões religiosas e morais, é dada por Jesus Cristo”²⁷. E esta não existe no abstrato. Em nível de plenitude, ela exige uma personificação ao que Cristo responde: “Eu sou a verdade”; o que equivale, pela unificação dos conceitos, à afirmação: “Eu sou a beleza”. Por isso, cada beleza no mundo é uma figura da Encarnação. Não existe e não pode existir nada mais belo e perfeito que o Cristo, afirma Dostoievski.

A contemplação puramente da beleza de Cristo, no entanto, não é suficiente e exige o ato religioso de fé, participação ativa e incorporação à beleza transformante do Senhor. A experiência da Cruz transformada em antecipação da Ressurreição depende de uma adesão incondicional ao Cristo: “ Na realidade, por mais que se olhasse e tocasse o seu corpo só a fé podia penetrar plenamente no mistério daquele rosto”²⁸. A beleza de Cristo remete à contemplação de seu rosto. A face do Crucificado e o esplendor da face do Ressuscitado permitem conhecer o aspecto mais paradoxal do mistério que se revela em Cristo.

No Tabor, a luz do Filho glorifica o Pai, fonte da Beleza, revelada pelo Espírito da Beleza. É o belo em Deus, que nós contemplamos no Verbo encarnado. A luz é o objeto da visão e é também instrumento. A Transfiguração do Senhor era na realidade a transfiguração dos apóstolos. Naquele momento os seus olhos podiam ver, para além da Kênose, a glória do Senhor; ele viram a divindade que se escondia naquela humanidade. Ele adoraram o Deus que se lhes aparecia como homem: “Mediante uma transmutação dos seus sentidos, estes passam da carne ao Espírito”²⁹. Deus quer que a sua epifania seja percebida pelo homem integral pois também o corpo é passível das experiências de encontro com o sagrado.

Em Cristo encontra-se não só a verdade em pessoa e o bem maior, mas somente ele nos revela a beleza divina da qual o coração humano está inquieto, tem saudades e intenso desejo.

5. A beleza que salva

Considerando a reflexão feita até aqui, retornemos à questão inicial: “Qual beleza salvará o mundo?”

²⁷ JOÃO PAULO II, *Splendor veritatis*, 2.

²⁸ IDEM, *Tertio Millenio Ineunte*, n.19.

²⁹ S.GREGÓRIO DE PALAMAS, *Homilia 35*, P.G. 151, 433B.

Em seu romance “O Idiota”, Dostoievski coloca nos lábios do ateu Ipolit uma pergunta intrigante feita ao príncipe Myski: “*É verdade príncipe que vós dissestes um dia que o mundo seria salvo pela beleza? Senhores – gritou forte a todos – o príncipe afirma que o mundo será salvo pela beleza... Qual beleza salvará o mundo?*” O príncipe não responde à pergunta. O silêncio de Myski recorda a atitude de Jesus diante de Pilatos que lhe interroga: “O que é a verdade?” (Jo 19,38). O príncipe permanece em silêncio, junto de um jovem de 18 anos que está morrendo. Ele revela, então, uma infinita compaixão, respondendo à provocação de Ipolit, sem falar, que a beleza que salva o mundo é o amor que divide a dor.

Para Dostoievski belo é o que é normal, o que é sadio³⁰. Por isso ele afirma que a beleza salvará o mundo, e logo se pergunta: qual beleza? . percebe-se que a beleza é um enigma porque fascina e faz sofrer. Também os niilistas amam a beleza, os ateus, talvez mais do que qualquer outros, experimentam a necessidade de um ídolo e logo o fabricam.. Antes ainda de compreender e viver a beleza e o amor, o homem já a profana. A beleza tem em si mesma uma potência salvadora e, ambigualmente, precisa ser salva e protegida. Como filósofo, Dostoievski pensa na unidade original entre verdade, bem e beleza. Ele analisa como estes três aspectos são integrados ou não, no princípio religioso. Quando cada dimensão se torna autônoma, cada uma expressa a mais profunda ambigüidade: o coração encontra a beleza também na vergonha, como ocorreu em Sodoma.

Diante deste cisma ontológico, a psicanálise de Dostoievski passa a psicossíntese. Com uma visão aguda do problema, ele procura uma luz no túnel. Sua percepção unifica o estético com o religioso, afirmando que a aspiração pela beleza coincide com a busca do Absoluto e do infinito. Aqui se desenvolve uma pneumatologia: o Espírito de vida da Sagrada Escritura é identificado com o princípio moral e estético dos filósofos.

Ao lado de uma civilização técnica altamente prática e utilitarista é preciso afirmar a cultura do espírito, campo este que é predestinado a cultivar os valores “inúteis”, mais precisamente, “gratuitos”, até o momento da última superação para o “único não útil”, mas necessário, segundo o Evangelho de Jesus Cristo. A beleza salvará o mundo. Mas qual beleza? A beleza procurada pelo ser humano ferido pelo amor e pelo desejo do Senhor.

³⁰ “Podemos prever muito bem no Evangelho segundo São João ‘o milagre da Encarnação na revelação da Beleza’ e esta limpidez se encontra em todo o trabalho de Dostoievski. Ele se inspirava nas belas igrejas ortodoxas que costumava freqüentar.” PASTRO, C. *Arte sacra: o espaço sagrado hoje*, São Paulo, 1993, 103.

Para encantar novamente um mundo que tende a perder o significado de seu esplendor, o Papa João Paulo II, escrevendo aos artistas afirma: “ A beleza que transmitireis às gerações de amanhã, seja capaz de despertar nelas o estupor! Diante da sacralidade da vida e do ser humano, diante das maravilhas do universo, a única atitude adequada é a do estupor”³¹. O êxtase da criatura diante da criação e do criador, a ascese mística perante o sofrimento inocente, a espiritualidade do “*ora et labora*”, enquanto interação fé e vida, tornam-se desafios constantes da recuperação do sentido do Belo para homens e mulheres cansados pela história marcada por brutalidades e frustrações.

Adquire renovado vigor, para tanto, a arte como expressão da Beleza. No momento que o Espírito Santo fala na beleza, como falou nos profetas, a salvação “mediante a beleza” não é mais o princípio autônomo da arte, mas uma fórmula religiosa. É, na santidade, no espírito, que o homem encontra a intuição imediata da verdadeira beleza. Repleta do Espírito Santo, a natureza humana de Cristo é imagem positivamente e absolutamente bela.

A beleza natural é real, apesar de frágil. Por isso, o vértice do ser está na beleza personalizada num santo que torna o centro hipostatizado pela natureza como microcosmo e microthéos. A natureza espera, gemendo, que a sua beleza seja salva pelo homem tornado santo. A beleza que salva o mundo situa-se na realidade da qual fala a oração que Dionísio pseudoaeropagita dirige a Theotókos: “Eu desejo que o teu ícone se reflita continuamente no espelho das almas e as conserve até o fim dos séculos, reerga aquelas que estão curvadas por terra e dê esperança àquelas que consideram e imitam o eterno modelo da beleza”.

O escândalo da dor no mundo é tão grande que impede a busca de uma conciliação harmoniosa entre sofrimento e beleza. A dificuldade de compreender a dor, não pode impedir o ser humano de ver a beleza escondida na essência dos seres . Muitas vezes é somente no final de tudo que se percebe o sentido, o belo e o eterno. O tempo redime a eternidade justamente porque passa com uma inexorável fugacidade. Somente a morte confere ao “instante” a profundidade de uma totalidade e de uma eternidade. Somente quando o homem aproxima-se do nada que representa a morte, então torna-se capaz de perceber a maravilha do tempo e a alegria da vida.

A beleza, como vimos, oferece sua ambigüidade na fronteira entre o ser e o nada. Dostoiévski reflete essa dualidade na sua conhecida obra “ Os irmãos Karamazov”: “A beleza – diz Dimitrij Karamazov – é uma coisa terrível que amedronta, porque é indefinível, e defini-la não se pode, porque Deus nos deu apenas enigmas. Aqui as duas margens se unem, aqui todas as contradições coexistem... A coisa temível é que a beleza não só é terrível, mas é também

³¹ JOÃO PAULO II, *Lettera agli artisti*, Turim, 1999,23.

um mistério. É aqui que Satanás luta com Deus, e o seu campo de batalha é o coração dos homens”³². Para ele, somente no final a beleza será vitoriosa. É no futuro, portanto, que se encontra a salvação: “ Quando passar o presente e virá o futuro, então o futuro artista encontrará formas belíssimas também para representar a desordem e o caos”³³. É no presente, entretanto, que permanece a possibilidade da beleza converter-se ao coração. Para Dostoievski há uma estreita ligação entre as várias expressões da tragédia existencial: ao plano teórico une-se o plano ético, e este une-se à busca da beleza. Ora, se é a decisão da fé que abre à única verdade revelada no Deus crucificado, o caminho da verdade, então, encontra-se na decisão moral. E se é a conversão do coração que abre ao reconhecimento da beleza que salva, então o caminho da estética é conjugado ao da ética.

Santo Agostinho conjuga a beleza e o amor assim: “Deus nos amou primeiro e nos deu a capacidade de amá-lo... Não nos amou para deixar-nos feios como éramos, mas para mudar-nos e tornar-nos belos... Em que modo seremos belos? Amando a Ele, que é sempre belo. Quanto mais cresce em ti o amor, tanto mais cresce a beleza; a caridade é justamente a beleza da alma”³⁴.

O belo, o bom e o verdadeiro são aspirações humanas que se unificam para dar sentido à vida. É nessa perspectiva que Jesus de Nazaré, mediante gestos e palavras, constitui a mais perfeita expressão do que as pessoas esperam do ideal realizado. O Crucificado-ressuscitado abriu o futuro para Deus e antecipou no tempo a eternidade. Nele está toda beleza salvadora.

³² DOSTOIEVSKI, I fratelli Karamazov, II, 5, 174.

³³ IDEM, L'adolescente, II, 4,661.

³⁴ Santo Agostinho, Comentário à Carta de João, IX,9.